

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

PROV. N. 00/163/84
FLS. 34
RUBRICA 44

N. 5406/79
FLS. 163

18

CEDI - P. I. B.
DATA 28/08/87
COD. PQDD3

HISTÓRICO:

Os katukina que habitam na altura do km 60 da BR - 364 (Cruzeiro do Sul - Tarauacá) fazem parte do mesmo grupo que atualmente vive no seringal Sete Estrelas no rio Gregório. Pertencem ao tronco linguístico Pano e não possuem uma auto-denominação "tribal" específica. Identificam-se através de diferentes clãs.

Atualmente, no Município de Feijó, AC, existe um outro grupo indígena do tronco linguístico Pano, nominado de Katuquina. Estes são considerados "diferentes", isto é, de outra etnia, pelos índios Katukina da BR - 364.

No Estado do Amazonas, nos altos cursos dos rios Juruá e Purus, encontra-se também grupos denominados de Katukina.

A nomenclatura genética e confusa dos diferentes grupos indígenas que ocupam as bacias dos rios Juruá e Purus é atribuída por Branco (1.950:28) a forma pela qual os primeiros exploradores e seringueiros classificavam os índios, isto é, segundo algum sinal, marca ou ornato por eles usado.

As primeiras informações sobre os Katuquinas datam do início do século XIX, quando os rios Juruá e Purus são alcançados por expedições que se organizam para a extração de produtos florestais como: cacau, cravo, canela, salparilha, baunilha e copaíba. Esses produtos muito valorizados comercialmente eram abundantes na área desses dois rios.

S. J. A. Cerqueira diz que "Passada a grande enseada, onde sahe a segunda foz do Acariquara, se acha um canal formado por uma ilha, e meia légua acima de sua entrada desagua o rio Juruá na margem meridional do Amazonas: alguns tem por elle subido até um mez de viagem em demanda de salca,

e fabrico de manteiga de tartaruga de que abunda: consta que suas cabeceiras há grandes povoações de índios, conhecendo-se por habitantes deste rio os das nações... Catuquinã".

Em 1.847, Castelnau informado por "coletores de drogas" registra a existência de aldeias Katukinas na altura do rio Tarauacá (Branco 1.950:7).

L. S. Amazonas em seu livro sobre tribos indígenas nas conhecidas no Província do Amazonas localiza os Katukina nos rios Juruá e Jutahi.

No ano de 1.853, J. W. Mattos em sua viagem ao Solimões informa sobre a abundância de salsa, óleo de copaíba e breu na região habitada pelos índios Katukina nas margens e centros do Tapauá, Pauini, Muçim e Papaná-Pixuna afluentes do rio Purus e também, nos rios Juruá e Jutai.

Os registros das atividades dos coletores de drogas, informam sobre atos de violência que eram cometidos contra os grupos indígenas da região.

O relatório do Presidente da Província do Amazonas de 1.858, F.J. Furtado comenta que "... em diversas partes do corrente anno no Rio Purús tem sido victimas e violentados alguns índios da tribo Catauixi e Catuquinas por alguns regatões, que alli commercio...".

A partir do terceiro quartel do século XIX os rios Juruá e Purus são atingidos pelas frentes de expansão da borracha e do caucho. O contato dos caucheiros e seringueiros com os grupos indígenas causou a dispersão das tribos e uma drástica redução demográfica.

A primeira fase da frente extrativista se caracterizou pela matança indiscriminada de índios, chamada de "correrias", que tinha como objetivo a apropriação das terras

indígenas. Segundo Branco (1.950:13) "... a população indígena da região, principalmente, dos Valles do Juruá, Tarauacá e Iaco era considerável, porém escorraçados a bala pelos civilizados: brasileiros (seringueiros) e peruanos (caucheiros) ... o seu número foi decrescendo de tal modo que na época em que o governo brasileiro estabeleceu o território do Acre, já seus grupos estavam mui reduzidos".

Os avanços das frentes extrativas forçam as populações indígenas a procurar refúgio nas áreas onde não existem grandes concentrações de seringa e caucho, geralmente afastados dos rios principais.

Após as "correrias" inicia-se um movimento no sentido de incorporar a mão de obra indígena nas atividades dos seringais. (Branco 1.950:15).

Com a crise da borracha, a partir de 1.912, os seringalistas que até então proibiam os trabalhadores de desenvolver uma agricultura de subsistência ou criação doméstica, são forçados a tornar o seringal auto-suficiente. Nesta época os grupos indígenas engajados na produção da borracha passam a desempenhar um importante papel no seringal, pois tornam-se os principais fornecedores de produtos agrícolas, de caça e pesca. (Aquino 1.977:45/46).

As fontes históricas que melhor fazem referência sobre os Katukina são posteriores ao violento contato a que o grupo foi submetido, pelas sucessivas frentes extrativas.

Segundo o prefeito do Alto Juruá, Gregório Faumaturgo de Azevedo, em seu relatório de 1.905, as aldeias Katukina estão situadas nos rios Catuquina e Alto Embira (Branco 1.950:15); Máximo de Linhares, ajudante do S.P.I. no ano de 1.911, também encontra os catuquinas no rio deste mesmo nome (Branco 1.950:23).

34 001663/34
2

PROC. N.º 5406/79	21
FLS. 166	
LUBR. 47	

Porém, em Tastevin (1.924:421-22), Matraux (1.949:657-86) e Branco (1.950:26) encontramos a localização mais completa dos dois grupos Katuquina de língua Pano: os Wani-nawa, Kama-nawa, Nai-nawa estão localizados no lado esquerdo do rio Gregório, próximo a nascente do rio Reconquista; e os Yawanaua, Iskunaua, Rununaua, Vanunaua, Eskinaua, Viunawa no Alto Juruá, no rio Catuquina tributário do Tarauacá e no Alto Envira.

Atualmente, o primeiro está situado na BR 364/Município de Cruzeiro do Sul e no seringal Sete Estrelas/Rio Gregório/Município de Tarauacá e o outro no rio Envira/Município de Feijó.

Os Katukina que hoje se encontram na BR -364, habitavam o seringal Sete Estrelas nas cabeceiras do rio Gregório. Trabalhavam na extração da borracha e na agricultura para o Zacarias gerente aviado do seringalista Pedro Correia. O Zacarias encarregou o Assis (Katukina) de fornecer mercadorias e controlar o trabalho dos índios. Segundo o Assis, o gerente do seringal roubava no peso da borracha e no preço das mercadorias. Insatisfeito com o comportamento do patrão, resolve mudar com seus filhos, irmãos e cunhados para o seringal Santa Luzia no rio Tauari. Pouco tempo depois outros Katukina deslocam-se para o seringal do "Zé Graça", próximo ao Riozinho da Liberdade.

Os índios que abandonaram o Sete Estrelas permaneceram espalhados, perambulando pelos seringais do Riozinho da Liberdade, sempre, segundo eles, a procura de um "bom patrão".

Nos primeiros anos da década de 70, o 7º. BCO inicia a abertura da BR - 364, no trecho entre os rios Campi-
nas e Lagoinha.

PROC. N.º 5406/79	22
FLS. 467	
RUBRICA <i>[assinatura]</i>	- 48

Neste período, as famílias Katukinas dispersas pelos seringais voltam a se reunir construindo uma aldeia na beira da BR. Esse deslocamento foi motivado pela perspectiva de obterem melhor remuneração trabalhando com os empreiteiros do BEC, na construção da estrada. Com o término das empreitadas, depois de dois anos, passaram a fazer os desmatamentos para a formação de pastagens na Fazenda Parana situada entre o Igarapé Vaivém e o Riozinho da Liberdade.

No ano de 1.980, desistem de trabalhar para a fazenda pois mal conseguem obter o mínimo necessário para a subsistência. Resolvem intensificar as atividades agrícolas visando a comercialização. Como o resultado não é satisfatório e em função das pressões do seringalista José Mappes que os ameaçava de morte e de queimar suas casas, pararam de plantar e decidem abandonar a área.

A partir de 1.982, os Katukina recebem o apoio da Comissão Pró-Índio/ACRE que já em 1.983 implantou uma cooperativa de produção e consumo, criando condições não só para a sobrevivência econômica do grupo, mas também, para a permanência dos índios em suas terras. (Ver relatório CPI/ACRE, em anexo.)

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

LOCALIZAÇÃO:

A área indígena Campinas, está localizada na altura do km 60 da BR 364, no município de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre. A única via de acesso é a estrada que é trafegável somente nos meses de junho a setembro. Nesta época gasta-se em torno de 1h 30min de carro, para percorrer a distância entre a aldeia e a cidade de Cruzeiro do Sul. Nos outros meses do ano, atinge-se o km 26 da BR, através do igarapé Lagoinha (afluente do Jurua) em barco de pequeno porte. Deste local em diante, a alternativa é seguir a pé até a área.

Aproximadamente no km 41 da BR, encontra-se a sede do Projeto Fundiário Santa Luzia/INCRA que já realizou o assentamento de duzentas e noventa (290) famílias na região entre os igarapés Lagoinha e Campinas.

As casas Katukina estão dispersas em ambos os lados da BR entre os igarapés Campinas e Vai-Vem. São construídas segundo o estilo regional, duas águas, sob pilotis. As paredes e o assoalho são feitos de paxiúba e o teto coberto com folhas de jarina ou canarai.

Próximo ao igarapé Olinda, afluente do Campinas, existem várias casas, mas apenas seis (06) são habitadas. Este lugar é denominado de aldeia, principal ponto de referência para os índios e local de reunião.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

A população Katukina de A. I. Campinas conta com noventa (90) pessoas distribuídas em dezesseis (16) casas. Existem dois casamentos com regionais e os filhos dessa união são considerados pelos Katukina como pertencentes ao ao grupo indígena.

As casas são compostas normalmente por um casal, seus filhos e os filhos de criação.

Examinando a composição do quadro de faixa etária, percebe-se uma população predominantemente jovem e que não existem pessoas com mais de sessenta (60) anos.

00 - 05 - 29

06 - 10 - 13

11 - 15 - 06

16 - 20 - 10

21 - 25 - 05

26 - 30 - 04

31 - 35 - 04

36 - 40 - 06

41 - 45 - 03

46 - 50 - 06

51 - 55 - 01

56 - 60 - 03

Mais de 60 -

ATIVIDADES ECONÔMICAS:

O engajamento dos Katukina, após o contato na empresa seringalista, condicionou-os ao uso de produtos industrializados considerados hoje em dia como indispensáveis e de grande utilidade. Nos últimos anos, vêem-se na contingência de vender sua força de trabalho durante a construção da SR 364 (70/72), nos desmatamentos da fazenda Parana (73/79) e para pequenos agricultores, a fim de satisfazer suas necessidades de tecido, sal, espingarda, ferramentas etc.

A partir de 1980, deixam de trabalhar para "patrões" conscientes da exploração a que são submetidos e desenvolvem uma estratégia alternativa de sobrevivência. Resolvem fazer roças maiores de milho, arroz, batata, inhame e banana, com o objetivo de comercializar o excedente em Cruzeiro do Sul.

Entretanto, não são bem sucedidos. O resultado obtido com a venda dos produtos agrícolas foi suficiente apenas para pagar o frete, excessivamente caro. Como consequência, ficam sem recursos para obter mercadorias principalmente munição e mantimentos - farinha - imprescindíveis nos meses de inverno (outubro/março) quando há maior carência de alimentos.

Os índios desestimulados interrompem os trabalhos agrícolas e decidem migrar para o rio Gregório onde existe outra aldeia Katukina. Isto porque, além de não possuírem sementes e os gêneros necessários à subsistência, acreditavam na perspectiva de receberem alguma assistência das agências: Missão Novas Tribos do Brasil; CPI/AC; FUNAI, que atuam junto aos índios do rio Gregório. Ao mesmo tempo são cada vez mais pressionados pelo seringalista da região (Jesus Mappes) para que abandonem a área.

Neste período recebem apoio da CPI/AS que implanta um projeto de assistência econômica, durante o ano de 1.983, no valor de R\$3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil cruzeiros).

Esse projeto tem por finalidade fazer com que os índios ocupem produtivamente suas terras desenvolvendo atividades agrícolas e de extração de seringa. Paralelamente, cria condições para que a comercialização ocorra de forma independente, cortando o vínculo com o regime de "patronato" local. Inicialmente foram adquiridos alimentos, sementes, instrumentos de trabalho, estivas (sal, açúcar etc.), tecidos e confecções. Essas mercadorias majoradas em 30% (valor do frete) são obtidas através de um sistema de cooperativa, administrada pelas lideranças indígenas, que centraliza e comercializa a produção agrícola e de borracha da comunidade adquirindo-a por preços mínimos estabelecidos pelo mercado de Cruzeiro do Sul.

Atualmente os Katukina vivem basicamente da agricultura e do corte da borracha que comercializam junto aos marreteiros da BR e na cidade de Cruzeiro do Sul. Ao mesmo tempo complementam sua dieta alimentar com a caça, coleta e a pesca.

As roças pertencem a família nuclear e estão situadas próximo ao local de moradia, via de regra são derubadas e plantadas pelo esforço cooperativo de parentes consanguíneos e afins. Realizam a troca de dia de trabalho por que agindo desse modo entendem que o serviço acaba mais rápido. Observamos que os indivíduos têm relativa liberdade de alimentarse na casa de seus "parentes".

Os Katukina plantam arroz, tingüi, urucu, algodão, mandioca consorciada com batata, taioba, banana, milho e inhame.

O processo de abertura e cultivo das roças constitui-se na derrubada no mês de maio início de verão, de aproximadamente dois (02) hectares de mata virgem. Depois de um mês ou mais atea-se fogo nas madeiras e mato abatido. Com as primeiras chuvas no final do mês de setembro iniciam o plantio.

Os implementos agrícolas utilizados são a enxada, o terçado, o machado e a máquina de plantar. A cooperativa fornece o terçado e a máquina de plantar. As outras ferramentas foram obtidas na época em que trabalhavam para a fazenda Paraná.

A área de mata derrubada é produtiva no máximo durante três (03) anos.

A mandioca que leva em torno de seis (06) meses para desenvolver-se geralmente é plantada na roça do ano anterior e na roça nova, após a colheita do arroz em fevereiro, de milho em março, da batata e taioba em junho e do inhame em agosto. Enquanto as demais plantas exigem novas roças, a mandioca pode ser cultivada em períodos espaçados, no mesmo local, por dois (02) ou três (03) anos. Assim, a mandioca torna-se uma fonte segura de subsistência, podendo ser consumida durante quase todo o ano desde que possa ser transformada em farinha. Entretanto, os Katukina não possuem os meios necessários para fabricá-la, por isso, perdem grandes quantidades de mandioca que depois de um ano torna-se dura e imprestável para o consumo.

A batata, a taioba, a mandioca e o inhame não exigem técnicas de preservação ou estocagem podendo ficar na própria roça, onde ficam enterrados. O milho e arroz são armazenados na casa do produtor. Caso alguém não tenha sementes, pede a um "parente" (irmão, pai, cunhado e genro).

Na região não é costume plantar legumes e verduras e os índios, por sua vez, também não possuem esse hábito alimentar. Próximo as casas plantam laranja, ingá, beribá, goiaba, manga, pupunha e abacaxi.

Algumas famílias contam com uma pequena criação de galinha, que tem pouca importância como reserva alimentar. No período que a estrada está trafegável, costumam vender ovos por Cr\$1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros) e frango por Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros) aos marreteiros e viajantes. Afirmaram que não criam porcos porque poderiam estragar as roças que são próximas ao local de moradia.

Na dieta katukina a fonte de proteínas animal é proveniente da caça e da pesca. Poderíamos dizer que a caça tem importância muito maior para o grupo do que a pesca, embora, esta seja o principal complemento alimentar em certo período do ano. Disseram que caçam regularmente durante todo o ano. Entretanto, as caçadas são mais ricas no inverno quando as árvores frutificam e os animais fugindo das alagações se concentram nas terras altas. Com as chuvas torna-se possível duas modalidades de caçada: a por rastejamento, porque as pegadas dos animais ficam percebíveis no terreno e a de "espera" nos locais onde amadurece os frutos preferidos pela caça. A produtividade dessa atividade depende basicamente da disponibilidade de armas e munições ao alcance do grupo. Nos últimos anos estão enfrentando sérias dificuldades para resolver este problema. Utilizam espingarda calibre 28, 32 e 36.

As espécies encontradas com mais frequência são: o macaco, o veado e o caititu. Explicam que os outros animais como o papagaio, a anta, a paca, a queixada, a arara, nambu, o japó e o mutum são difíceis de localizar porque o branco espantou-os caçando na área com cachorro.

Os Katukina preferem realizar caçadas individuais próximo à aldeia para que possam regressar no mesmo dia. Quando saem para caçar em grupo percorrem longas distâncias, permanecem vários dias na mata. Participam desse tipo de caçada os irmãos e cunhados. Nos períodos em que são obtidas grandes quantidades de carne de caça, de um modo geral partilham com os "parentes". Todavia, comercializam uma parte com os marreteiros sempre que é necessário obter munição e farinha. O quilo de carne - em fevereiro de 84 - era vendido por Cr\$700,00 (setecentos cruzeiros). O paneiro de farinha - 30 ou 40 quilos custava Cr\$4.000,00 (quatro mil cruzeiros), um quilo de chumbo Cr\$6.000,00 (seis mil cruzeiros), e uma espoleta era Cr\$50,00 (cinquenta cruzeiros). O valor dessas mercadorias, com exceção de farinha é são cem por cento mais caro do que na cidade de Cruzeiro do Sul. As áreas de caça estão localizadas nos igarapés Campinas, Chumarra, Vai-Vém, Boi e Japacatiá.

A pesca, pelo menos hoje em dia é pouco praticada, principalmente devido aos limitados recursos técnicos que dispõem.

No auge do verão, entre os meses de junho e setembro os igarapés secam formando vários poços. Este é o período propício para as tingüizadas coletivas.

Os Katukina colhem nas roças o tingüi, deslocam-se para próximo do igarapé onde esmagam o arbusto icetio-tóxico que é colocado nos poços. Os peixes entorpecidos sobem para a superfície da água sendo facilmente apanhados com as mãos, terçados ou pequenos paneiros. Esta atividade tem grande importância para a comunidade porque permite acumular alimentos nos meses em que os homens estão ocupados nos trabalhos de abertura de novas roças. No inverno pescam apenas de linha e anzol, utilizando carne de caça, minhoca e pequenos peixes como isca.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. Nº 00.1668/87

FLS. 51

RUBRICA 22

PROC. Nº 5406/79 30

FLS. 184

RUBRICA

Pescam frequentemente pacu, piau, piranha, curimatã, surubim, traíra, cará e dourado.

Costumam pescar nos igarapés Campinas, O-linda, Chumarra, Boi e Vai-Vém.

Demonstraram interesse em aprender a usar a manga - uma espécie de rede - e a tarrafa o que tornaria as pescarias mais constantes e produtivas. Assim, poderiam obter alimentos com conteúdo proteico nos períodos do ano que existe grande escassez de caça.

A coleta de frutos silvestres é realizada durante o inverno nos meses de janeiro a abril quando a mata mostra-se abundante de cocos como o patuá, açai, bacaba, cupu açu e buriti. São muito procurados, não só pelo sabor, mas também como suplemento alimentar a dieta. É importante notar que nessa época as reservas de produtos cultivados, colhidos durante o verão, estão praticamente esgotados. O buriti, o açai e a jarina também têm importância simbólica para os Katukinas que utilizam as folhas dessas palmeiras para fazer as vestimentas usadas durante a festa do Mariri.

As áreas de coleta estão situadas próximo aos igarapés e nas "terras firmes".

A produção artesanal é muito reduzida e dificilmente comercializada. As mulheres sabem fazer vassouras, caçua, jamachim e panciro. Utilizam na confecção do artesanato, como principal matéria-prima o cipó-titica encontrado nas "terras firmes" e o cipó-açu junto aos igarapés. Os homens fazem, para o Mariri, chapéu de penas de arara e japó.

O apego às formas tradicionais de subsistência, com base no cultivo de produtos agrícolas, de certo modo constitui uma das dificuldades para expandir as atividades extrativas da borracha implementada pela cooperativa Katukina.

Algumas famílias, quatro ao todo, optaram

INFORMAÇÃO SOCIAL E CULTURAL:

Os dados que dispomos sobre esse item são mínimos. Durante o pequeno espaço de tempo em que permanecemos junto ao grupo, não nos foi possível realizar maiores investigações nessa área.

Podemos afirmar que a preservação da língua, a endogamia quase que geral - existem dois casamentos interétnico - a cerimônia do Mariri são, entre outros elementos os que melhor indicam a identidade cultural do grupo.

Como já dissemos anteriormente, os Katukina da BR 364 e do Sete Estrelas pertencem ao tronco linguístico Pano e não possuem uma auto-denominação tribal específica. Identificam-se como pertencentes a cinco clãs: Wanináwa (povo da pupunha), Varináwa (povo do sol), Kamanáwa (povo da onça), Satanáwa (povo da ariranha) e Maináwa (povo do céu). Disseram que os filhos fazem parte do clã da mãe; e que só po de haver casamentos entre os indivíduos que pertencem a clãs diferentes.

As famílias conjugais são monogâmicas. En contramos um caso de poligenia, que foi explicado da seguinte forma: depois que o marido morreu, a mulher passou a viver com o irmão do defunto (levirato). As uniões matrimoniais são muito instáveis (como podemos observar no item sobre demografia) sendo que a troca de cônjuge é comum. Os filhos de um no do geral ficam com as mães.

Todos os Katukina são nominados em sua língua materna; recebem o nome em português após o batismo, quando o padre de Cruzeiro do Sul faz a descoberta na região.

Atualmente a liderança é exercida pelo André, que tem como principal atribuição administrar a cooperativa Katukina. Foi escolhido através de eleição em 1.980.

54

O Assis que já foi representante dos patrões junto ao grupo, mesmo desprovido de legitimidade (acreditamos), intitula-se chefe dos Katukina. No ano passado, 1983, um funcionário da FUNAI encarregado de distribuir alimentos para os Katukina, dividiu a mercadoria entre os dois líderes. Este fato gerou um grande descontentamento entre os índios. Isto porque o Assis pegou a parte que lhe coube e passou a aviar somente aos seringueiros regionais, dentro e fora da área. Entendemos que esta situação é extremamente delicada e exigirá grande habilidade por parte da FUNAI para resolvê-la. Uma vez que o Assis mostra-se muito inteligente e habilidoso para obter vantagens sempre que surge uma oportunidade.

EDUCAÇÃO:

A cooperativa Katukina implantou em setembro/83 uma escola de alfabetização em português e de iniciação matemática. A escola funcionava em uma casa abandonada na "aldeia". Foi escolhido como monitor o Maurício Katukina que realizou um curso de treinamento durante quase dois meses, no Centro de Treinamento de Recursos Humanos em Rio Branco, AC, promovido pela CPI-Acre.

Os alunos receberam lápis, caderno, borracha, tabuada e uma cartilha - PORANGA - organizada pela CPI-Acre, que utiliza as situações de vida e trabalho do índio seringueiro para alfabetizá-lo.

A escola funcionou apenas um mês pois, segundo o monitor, os alunos pararam de frequentá-la porque é muito longe das colocações onde moram.

SAÚDE:

A falta de assistência médica e a carência alimentar são os principais fatores que contribuem para o precário estado de saúde dos Katukina.

Quando existe algum caso grave de doença, os índios recorrem ao Posto de Saúde do 7º BEC, localizado na Sede do INCRA em Santa Luzia, distante aproximadamente 26 km da área indígena. Os doentes são transportados em carro alugado - em setembro do ano passado, pagavam Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) por pessoa. Como a estrada é trafegável somente no verão, os enfermos na época das chuvas - inverno, dificilmente são removidos da aldeia.

Segundo o enfermeiro do Posto, no verão de 1.983, várias crianças katukina foram hospitalizadas e três morreram vítimas de uma epidemia de coqueluche.

Os Katukina recebem atendimento médico, odontológico e farmacêutico do 7º BRC uma vez por ano, através da Campanha Assistencial ACISO - Ação Cívico Social.

No mês de setembro de 1.983, receberam a visita de uma equipe volante de saúde que vacinou toda a comunidade contra varíola, febre amarela, tuberculose e outros.

O Diretor do Centro de Saúde de Cruzeiro do Sul que participou da equipe nos informou sobre a existência de um elevado índice de verminose, desnutrição, anemia, doenças pulmonares e venéreas. Afirmou que o atual quadro de saúde requer além da realização de exames laboratoriais (baciloscopia, raio X, fezes e sangue) uma assistência médica periódica.

A região entre o Projeto Fundiário Santa Luzia/INCRA e a A.I. Campinas, até 1.982, registrou um

mais altos índices de malária do Município de Cruzeiro do Sul. A SUCAM destinou sua reduzida reserva de veneno para detetizar as casas dessa área, que são burrifadas de seis em seis meses. Há mais de um ano que não ocorre casos de malária entre os Kaktukina.

Abastecem-se de água nos igarapés e sacimbas que ficam perto das casas. A água ingerida é armazenada em potes de barro. O lixo não recebe tratamento e os dejetos ficam ao ar livre.

IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA:

A FUNAI em 1.977 elegu uma reserva para o grupo indígena Katukina. Contudo, os índios nunca foram assistidos ou receberam qualquer tipo de proteção por parte do Órgão tutelar. Apenas no ano de 1.982, durante uma epidemia de coqueluche e em 1.983, para distribuir alimentos é que funcionários da Fundação visitaram a aldeia Katukina.

Entendemos que uma efetiva atuação da FUNAI torna-se indispensável, principalmente após a identificação da área. A situação dos Katukina nos mostra que por falta de assistência e em função das pressões dos patrões, o grupo esteve na iminência de abandonar suas terras.

Portanto, a alocação de recursos com objetivo de criar condições para que a comunidade desenvolva atividades econômicas, independente dos vínculos com o sistema de dominação local é tão importante quanto a regularização do território indígena. (Caso contrário corre-se o risco de esvaziamento da área.)

A partir de 1.982, os regionais que residem no local, são notificados através das lideranças Katukina e da C.P.I.-Acre (ver relatório-1.982/83, em anexo) que suas casas estão situadas dentro de terras indígenas delimitadas pela FUNAI em 1.977. Pouco a pouco, onze famílias abandonaram suas casas e benfeitorias que são destruídas ou ocupadas pelos índios.

Atualmente existem apenas três seringueiros regionais morando dentro da área: Luiz Paulino, com sete pessoas; Fulano de Tal Domingos, com quatro pessoas e Francisco Ferreira da Silva. Os dois últimos tem a presença consentida pelos índios, inclusive trabalham com a cooperativa, porque possuem filhos casados com Katukina.

As casas Katukina estão localizadas no longo da BR 364, no trecho entre o igarapé Campinas e Vai-Vém.

As roças situam-se nas proximidades das casas e as pescarias que tem como técnica o uso do tingüi, obriga os índios a percorrer longas distâncias até esgotar todos os poços acessíveis, formados nos leitos dos igarapés durante a vazante.

Costumam caçar nos "centros" e nas cabeceiras dos igarapés Campinas, Chumarra, Vai-Vém, Boi e Jaracatiá, onde a caça é relativamente abundante. Esta é a principal fonte de proteínas e certamente em pouco tempo tornar-se-á escassa. A fazenda Paraná, próxima ao igarapé Vai-Vém, desmatou alguns milhares de hectares para a formação de pastagens e o INCRA instalou entre os igarapés Lagoinha e Campinas perto de 300 (trezentas) famílias de colonos através do Projeto de Assentamento Dirigido de Santa Luzia. O intenso desmatamento e a ocupação da região, afugenta a caça e diminui a capacidade de auto-regeneração dos animais na área indígena.

A área pleiteada é rica em seringa nos "centros" e junto aos igarapés Campinas, Chumarra, Boi e Vai-Vém. Entretanto, os índios optaram em morar na margem da estrada mesmo com prejuízo para as atividades de extração do látex, uma vez que as seringueiras neste local são pouco produtivas. Isto porque, além de contar com facilidades de transporte, fundamental nos casos de Joronga, ao mesmo tempo podem vigiar sua terras evitando que regionais venham estabelecer-se dentro da reserva.

Baseados nos estudos realizados pelo C.T. e nas reivindicações dos Katukina, apresentamos, em anexo, a planta e o respectivo memorial descritivo da área identificada.

A área celta inclui parte dos seringais de
Ilo Horizonte e Santa Rita que serão discriminados pelo INCRA
durante o ano de 1.984. //

PROPOSTA:

1. Demarcação da área identificada;
2. Aplicação de recursos com o objetivo de incentivar a Coope-
rativa Katukina a desenvolver atividades agrícolas e de se-
ringa;
3. Contratar o monitor indígena e enviar material escolar;
4. Instalação de um Posto Indígena e Enfermaria;
5. Adquirir uma Pick-up.

BIBLIOGRAFIA:

AMAZONAS, L.S. - 1.852 - Dicionário Topográfico, Histórico,
Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas. Recife,
M. Henriques, p. 318.

AQUINO, T. V. de - 1.977 - Kaxinawá: de seringueiro "caboclo"
a "peão" acreano. Dissertação de mestrado não pu-
blicada. Fundação Universidade de Brasília, mimeo.

CASTELO BRANCO, J. M. B. - 1.950 - O Sentio Acreano. Revista
do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a-
bril e junho 1.950, vol. 207.

FURTADO, J. F. - 1.858 - Relatório do Presidente de Província
do Amazonas.

MATTOS, J. W. - 1.855 - Roteiro da Primeira Viagem do Vapor
MMA 126 - 210x297

Monarcha, desde a cidade de Barra do Rio Negro, Ca-
pital da Província do Amazonas, até a Povoação Nau-
ta, na República do Peru, III: Exposição feita pelo
Presidente da Província do Amazonas.

- MÉTRAUX, A. - 1.948 - Tribes of the Juruá - Purus basins. Hand-
book of south American Indians, Vol. III (the tropi-
cal forest tribes), Steward, Julian H., editor - ""
Smithsonian Institution: Bureau of American Ethnolo-
gy, Bulletin 143: Washigton D.C.
- SILVA, J. A. C. - 1.833 - Corografia Paraense ou Descrição Fí-
sica, Histórica e Política da Província do Gram-Pará.
Bahia, Typ. do Diário. p. 40-41.
- TASTEVIN, C. - 1.924 - Les études ethnographiques et linguisti-
ques du P. Tastevin en Amazonie. Journal de la Socie-
té des Américanistes, N. S., Vol. 16.